

## Marcas de uma pandemia: o narrar a si de um licenciando em química

Marks of a pandemic: narrating yourself from a graduated in chemistry

Arthur Ravagnhani de Oliveira

Antonio Aparecido Vital

Alexandre Luiz Polizel

Cristiane Beatriz Dal Bosco Rezzadori

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo apresentar as marcas negativas – do ser menos – deixadas nas narrativas de vida de um licenciando em química, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Londrina, em tempos pandêmicos. A construção das narrativas ocorreu por meio da realização de uma entrevista áudio-gravada, de forma remota, com auxílio de uma plataforma virtual de reuniões, realizada a partir de um roteiro semiestruturado. Os dados produzidos foram analisados sob a óptica da análise de conteúdo que deu origem a três categorias: a) Marcas negativas que afetam o Eu; b) Marcas negativas que afetam o Outro e, c) Marcas negativas que afetam o Nós. Em seu narrar, o entrevistado mostra-se marcado pelo medo, angústia, vícios, vulnerabilidades, luto, entre outras marcas. Este processo de escuta atravessa as narrativas possibilitando a percepção das marcas negativas do ser menos deste licenciando, permitindo traçar estratégias formativas-constitutivas para superá-las e catalisar o seu ser mais.

**Palavras-chave:** marcas; narrativa; pandemia; formação.

**Abstract:** This work aims to present the negative marks - of being less - left in the life narratives of a graduate student in Chemistry, from Federal Technological University of Paraná – Londrina Campus, in pandemic times. The construction of the narratives occurred through an audio-recorded interview that happened remotely, with the help of a virtual meeting platform, carried out from a semi-structured script. The data produced were analyzed from the perspective of content analysis that gave rise to three categories: Negative marks that affect the Self; Negative marks that affect the Other and; and Negative marks that affect the We. In his narrative, the interviewee shows himself marked by fear, anguish, addictions, vulnerabilities, mourning, among other marks. This process of listening to voices in pandemic times crosses the narratives to enable the perception of the negative marks of being less of this licensee as well as making it possible to outline training-constitutive strategies to overcome them and catalyze their being more.

**Keywords:** brands; narrative; pandemic; training.

### Introdução

O presente trabalho é parte constituinte de um projeto de pesquisa que tem por objetivo pensar, a partir de narrativas, os múltiplos processos formativos e as constituições dos sujeitos, campos de saberes e elaboração de artefatos culturais nos âmbitos das educações, culturas e ciências no tempo



presente, de modo diagnóstico e propositivo. Deste trajeto emerge o presente manuscrito que se coloca a apresentar marcas negativas deixadas nas narrativas de vida de um licenciando em química, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Câmpus Londrina (UTFPR-LD), em tempos pandêmicos.

Valemo-nos da pesquisa narrativa ao considerar seu potencial para com as investigações no campo das educações e humanidades, bem como nesta enquanto campo que valoriza a história de vida dos sujeitos e o currículo formativo da vida que se faz. Compreendemos com Maria Tamboukou (2016) que narrativa é a lógica que nunca pode ser explicada, mas sempre narrada, constituída no processo do próprio enunciar acerca do narrar. Lógica que coloca a vida dos sujeitos enquanto processo de curricularização, da apresentação do trajeto formativo e constitutivo do sujeito organizado em seu próprio enunciar. A narrativa é veículo da organização das memórias, dos acontecimentos através dos quais o sujeito apresenta os efeitos moduladores de sua cultura e de sua experiência subjetiva (MELLO, 2016; TAMBOUKOU, 2016).

A narrativa, neste sentido, tem ganhado espaço de potencialidade para compreender as multiplicidades formativas-educativas, nas quais o sujeito ensina, aprende, constitui conhecimento e organiza a própria vida enquanto movimento performativo-pedagógico. O vetor semiótico-pedagógico que institui no narrar-se inclui a(s): i) temporalidade vivida e experimentada, constitutiva e assimilada; ii) significações negociadas, criadas, atribuídas e pactuadas; iii) socializações, as relações sociais e contingenciais que permitiram que a vida acontecesse e que fosse possível compreender algo a partir desta (MELLO, 2016; TAMBOUKOU, 2016). É a narrativa que precisa do Outro para ser ouvida, compartilhada e (re)vivida, organizada para ser contada-narrada.

Deste campo narrativo colocamo-nos a olhar e escutar o presente. Em meio a pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), as relações são significativamente transformadas. Os sujeitos são distanciados como uma medida de segurança. As relações fazem-se mediadas pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação. A distância, a virtualidade e o



adoecimento marcam o tempo, as significações e as socializações: transformam o narrar (AGAMBEN, 2020; SANTOS, 2020).

A pandemia do Coronavírus (COVID-19) dá nome ao cenário geopolítico de 2020 - um acontecimento que marca as narrativas vigentes e o porvir -, sinalizando os impactos constitutivos das subjetividades. O mundo desacelerou suas produções, distanciou os corpos, colocou os seres diante de suas finitudes. Potencializou as disputas de narrativas político-midiáticas, a relativização da vida em detrimento do mercado e da economia, posicionou as relações humanas e afetivas a mercê das redes sociais guiadas por algoritmos – sob a vigília e o controle (AGAMBEN, 2020; BRETON, 2020; SANTOS, 2020). As compilações do medo, distâncias, mercantilizações e controle maquinado das relações deixam marcas nos modos de ser, estar e existir, e colocam em discussão as desumanizações dos sujeitos.

Desumanizações que se fazem evidenciar ao passo que o sintoma do tempo é o adoecimento. O sentir-se sozinho devido ao distanciamento, a multiplicação de vidas que se findam, a angústia de projetos interrompidos e a ansiedade derivada da opacidade de um projeto de futuro. O medo da falta de alimentos, amigos e de si. Um encontro de crises econômicas, políticas, ambientais, sociais e subjetivas que faz com que os sujeitos se desumanizem. E, por desumanizar, compreendemos com Paulo Freire (2015; 2019), o ato de ser menos.

Ser menos pode remeter a expressão de marcas negativas deixadas sob o corpo, a mente e o próprio desejo do sujeito que perde a possibilidade de narrar a si, os Outros e o mundo. São marcas que retiram as palavras, privam o sujeito do desejo e da projeção de um mundo pelo qual lutar, transformar e construir. O ser menos enquanto processo subtrativo retira os sujeitos da possibilidade de ecoar suas palavras e, com isso, reconhecer-se e conhecer-se (FREIRE, 2015; 2019).

Como eventualidades que materializam o ser menos, naquilo que chamamos de uma desumanização, vemos a crescente demanda de problemas relacionadas a saúde mental que levam, por exemplo, instituições a delinearem cartilhas e materiais educativos de intervenções significativas para



o enfrentamento da pandemia; canais de escuta psicológicas 24 horas serem disponibilizados; cursos de formação para profissionais da saúde serem ofertados, entre outros. No Brasil, à guisa de informação, foi criada a Resolução CFP nº 4/2020<sup>1</sup> que suspende, durante o período de pandemia, 5 artigos da Resolução CFP nº 11/2018<sup>2</sup>, para que seja autorizada a prestação de serviços psicológicos por meio de tecnologia da informação e da comunicação (SCHMIDT et al, 2020).

Esse processo de desumanização, do ser menos, deixa marcas que refletem no sujeito (pós)pandêmico e na formação do mesmo. Boaventura de Sousa Santos (2020) em *A Cruel Pedagogia do vírus* se atenta para as mais variadas marcas deixadas e ensinadas pela COVID-19, atrelando-as as problemáticas que permeiam o isolamento social, a violência, a marginalização e o desamparo do indivíduo pobre, a polarização política, as crises de mercado e economia. Nessa perspectiva, o Boaventura pontua que infelizmente “[...] qualquer quarentena é sempre discriminatória” (SANTOS, 2020, p. 15), ou seja, para alguns grupos sociais há maiores impactos, dentre estes: as mulheres que sofrem com o aumento de 36% dos casos de violência doméstica; os trabalhadores precarizados, informais e autônomos por não possuírem qualquer amparo financeiro ou benefício contratual; os moradores de periferia por uma série de fatores que incluem falta de saneamento básico, escassez de água e falta de instrução; há ainda grupos como refugiados e moradores de rua que colocam em questão a própria possibilidade de operacionalizar o isolamento social enquanto questão de saúde pública (SANTOS, 2020).

David Le Breton (2020, p. 2) em *O preço das coisas* reitera a necessidade em tempos pandêmicos – reconhecendo os impactos subjetivos-sociais-ecológicos da desumanização –, de “[...] restabelecer o humanismo social violentamente atacado no mundo todo por um capitalismo triunfante e cínico é um imperativo para relançar o gosto pela vida, proteger a diversidade ecológica do planeta e apoiar os mais vulneráveis”. Pensar as diversidades em

---

<sup>1</sup> Maiores informações encontram-se disponíveis em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-4-de-26-de-marco-de-2020-250189333>>. Acesso em: 27 Jul. 2020.

<sup>2</sup> Maiores informações encontram-se disponíveis em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-11-DE-11-DE-MAIO-DE-2018.pdf>>. Acesso em: 27 Jul. 2020.



seu plano ecológico do sujeito, dos seres e do mundo, como motes para esta mutação ao ser mais humanizado; o pensar como ação que se faz narrada e narrável, que diz um outro mundo possível.

Tal processo atravessa a possibilidade de dizer as primeiras palavras sobre os efeitos diagnósticos antes, durante e após a pandemia. Este é um processo que atravessa as narrativas para possibilitar a percepção das marcas negativas do ser menos, e para traçar estratégias formativas-constitutivas para superá-las e catalisar o ser mais (humanizado). É preciso dizer as primeiras palavras sobre a pandemia a partir de um local de sujeito, para que seja possível compreender o ar do tempo em curso (FREIRE, 2015).

É deste campo óptico que este manuscrito emerge, tendo por interesse traçar explicações acerca do seguinte questionamento: quais foram as marcas negativas deixadas na vida de um aluno formando do curso de Licenciatura em Química da UTFPR-LD durante o período da pandemia do Covid-19?. Para tal, organizamos o presente manuscrito em três eixos: a) Marcas negativas e o pensar no-do Eu, b) Marcas negativas e o pensar no-do Outro, e c) Marcas negativas e o pensar no-do Nós.

### **Percursos metodológicos**

Com o intuito de compreender a marcar negativas – do ser menos – deixadas nos sujeitos em tempos pandêmicos, este trabalho lançou mão do substrato investigativo de caráter qualitativo. A pesquisa qualitativa visa compreender, exercitar e se colocar no lugar do outro, tendo em vista as singularidades e subjetividades, ao passo que os fenômenos e os seres apresentam características contingenciais-diferenciação e de compreensões-entendimentos. Isto significa olhar aos fenômenos em sua qualidade, buscando a compreensão das linhas constitutivas de modo descritivo e interpretativo (MINAYO, 2012).

Sob tal perspectiva, lançamos mão do artifício da pesquisa narrativa em histórias de vidas, considerando o relato das experiências vivenciadas, rememoradas, selecionadas e organizadas no ato de narrar. Narrativas que possuem por linhas constitutivas as considerações das temporalidades,



significações e sociabilidades (MELLO, 2016; RAGO, 2013; TAMBOUKOU, 2016).

Inspirados em Margareth Rago (2013) voltamos nossos olhares para as narrativas reconhecendo nestas seu cunho heteroautobiográfico, haja vista que o processo de narrar consiste em um movimento aberrante, desajeitado, que vai para todos os lados e não vai a nenhum, é nômade, ou seja: a) hetero a medida que dois corpos distintos se encontram no processo narrativo; b) biográfico ao passo que um dos corpos narra suas vivências, (des)(re)memora-se constantemente, busca lugares, espaços-tempo, sentimentos, para contar; c) autobiográfica porque aquele que ouve, que reconhece o outro, que cria um espaço de escuta e permite a mistura dos dois corpos que encontram-se, registra; d) heteroautobiográfica, à medida que ambos (des)(re)memoram suas vivências, reconhecem-se juntos, escutam-se juntos, escrevem juntos. O narrar-se, neste sentido, enuncia experiencialidades, presentificam-as, faz-se ver, evidencia suas marcas.

Frente ao exposto, buscamos as narrativas de um estudante do curso de graduação em Licenciatura em Química da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Câmpus Londrina, devidamente matriculado no 7º período do curso, nominado como Pedro<sup>3</sup>. A seleção de tal sujeito de pesquisa deu-se pelos seguintes motivos: i) considerando sua formação em licenciatura; ii) sob o intuito de buscar as narrativas de si de um sujeito em processo de finalização de sua graduação; e iii) sujeitos interessados em contar suas histórias de vida em tempos de COVID-19, no que toca sua constituição humana, profissional e cidadã.

Realizamos contato prévio com o sujeito por e-mail, com o intuito de disponibilizar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e agendar a entrevista. A entrevista foi realizada no mês de junho de 2020, de forma remota, com o auxílio da plataforma virtual de reuniões: *Google Meet*. Optamos pela utilização de tal plataforma considerando a garantia da segurança do sujeito de pesquisa e dos entrevistadores, bem como a possibilidade de áudio-gravação da entrevista pela própria plataforma. A realização da entrevista teve

---

<sup>3</sup> Para o respectivo manuscrito adotamos a utilização de um nome ficcional escolhido pelo próprio sujeito, tendo em vista a preservação da identidade do mesmo.



por base o uso do seguinte roteiro semiestruturado<sup>4</sup>, contendo oito questões<sup>5</sup> para movimentar o processo narrativo.

Após a entrevista, realizamos a transcrição do conteúdo de áudio. Os dados produzidos foram analisados sob a óptica da análise de conteúdo, conforme proposto por Laurence Bardin (1977), seguindo as etapas: 1) Pré-análise, 2) Exploração do material e 3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Tal movimento analítico possibilitou a organização das marcas negativas deixadas pelo tempo pandêmico na história de vida de Pedro, a partir de três categorias emergentes que orientam a análise: a) Marcas negativas que afetam o Eu; b) Marcas negativas que afetam o Outro e, c) Marcas negativas que afetam o Nós.

### **Marcas negativas e o pensar no-do eu**

Pedro apresenta suas marcas partindo do despertar de seu interesse pela química, em tempos pré-pandêmicos, durante o ensino médio. Pedro cultivava afetos pela área da música, mas ressalta que a “[...] *área de química, das exatas assim sempre foi o que eu mais gostei*”. Sua escolha e atração pela química, leva-o a mudar de cidade para licenciar-se em química. É o processo

<sup>4</sup> O roteiro semiestruturado foi utilizado como instrumento metodológico, ao passo que este permite durante a entrevista a inclusão de novas perguntas para garantir maior coerência e amplitude significativa a entrevista (MARCONI; LAKATOS, 2008).

<sup>5</sup> As questões que estruturaram o roteiro foram: 1. *Como você se identifica? Como você me diria quem é você? Poderia me contar um fato de sua história de vida que represente essa identificação?* 2. *Pense na pandemia que estamos vivendo. Relate como tem sido esse momento em sua vida. Que marcas ela tem deixado em sua memória? Como você vê estas marcas? Poderia me contar um ou dois fatos de sua vida que representem essa passagem?* 3. *Conte como você tem se sentido nesse período de pandemia. Quais são as marcas mais intensas nesse momento para você? Como você tem lidado com elas? Poderia me contar um ou dois fatos de sua vida que representem essa passagem?* 4. *Considerando que você é formando no curso de Licenciatura em Química da UTFPR-LD, como você via esse processo de finalização do ensino superior? Quais eram as suas expectativas? Poderia me contar um ou dois fatos que representem essa passagem?* 5. *E a partir da vivência desta pandemia, como você espera que seja esse processo de finalização do ensino superior? Quais são as suas novas expectativas e planos? Relate um ou dois exemplos que representem isso?* 6. *Estamos vivendo um momento de crises que se configura como um período de conflitos. Você vivenciou algum tipo de conflito que influenciou na sua formação neste período? Alguma dessas experiências foi adoecedora? Relate dois exemplos.* 7. *Considerando que estamos conversando sobre a sua vida e falamos sobre a sua formação, expectativas, adocimentos em tempos de pandemia, como você tem lidado com esse momento? Quais modos você tem encontrado para viver este tempo? Conte duas histórias que representem essa passagem.* 8. *Você poderia me contar duas histórias que você considera importantes e que você gostaria que fossem consideradas?*



de mudança que abre a constituição de Pedro para narrar a pandemia. É marcante para o mesmo que o início do seu processo de graduação é dado ao chegar em Londrina e perceber que não tinha costume de fazer as coisas sozinho, bem como a dificuldade de fazer amigos e ficar “[...] *bastante tempo meio isolado*”.

A marca que delinea a formação iniciada de Pedro é o estar só e não possuir amigos. Tal aspecto pode ser compreendido como negativo, pois é na compreensão da falta que Pedro necessita negociar consigo, sendo as negociações os processos de constituição de si. Sob inspirações freirianas (FREIRE, 2015; 2019) a sensação do estar isolado remete a não participação identificativa em um grupo, dificulta o processo de reconhecimento e a própria faculdade do narrar-se. A falta daquele que ouve é a não personificação para quem enuncia-se. Não se é se não para o Outro, com o Outro e com um agrupamento destes (o Nós).

Além disso, a mudança, a viagem, o início de uma trajetória formativa (RAGO, 2013) gera uma cisão. A partir daí, outras ecologias passarão a se constituir, em um outro espaço-tempo, envolvendo outras significações e socializações, inquietando possibilidades de narrar-se de modos outros.

Esse início de narrativa que se coloca a pensar as marcas deixadas no próprio sujeito, em seu Eu, nos remete a primeira categoria emergente: as marcas negativas e o pensar no-do Eu. É esta a marca deixada no próprio si, identificada e narrada pelo próprio sujeito que fala. Pedro marca o trânsito do narrar-se, deste e neste momento, como um conjunto de marcações que se expressam enquanto sensações são organizadas: o medo, vulnerabilidade, trauma, problema na família, conturbado, bloqueio, vícios, recluso, ansiedade e estresse. Suas marcas negativas, que o fazem colocar seu próprio modo de ser, pensar e agir em pauta (FREIRE, 2019).

É a busca de (re)elaborar o mal-estar que o tempo gera, ao passo que coloca o Eu de frente com sua finitude (FREUD, 1996a). O medo reconhece que se encontra em um espaço-tempo de perigo; a vulnerabilidade reitera o próprio Eu em desespero – como algo que se cria, negocia e se reelabora continua e descontinuamente; problemas na família como o receio também



neste espaço; a conturbação gerada pela pandemia e sua alteração nos modos de experimentar tempos-significados-socializações; bloqueio gerado pela não identificação dos limites pela transposição de fronteiras pelo agente etiológico, pela obstrução do pensamento que tem dúvidas de para onde ir; vícios pois o corpo anseia em buscar seus desejos, negar as controvérsias do tempo, fugir dos incômodos causados pelo COVID-19; reclusão causada pelo jogar íntimo da quarentena, que desloca as relações sociais para o interior das casas; ansiedade devido ao anseio de um futuro que não vislumbramos; o estresse do corpo que não escolheu entre o lutar ou fugir.

Sua formação acadêmica surge como algo marcado em brasa, pois o mesmo identifica múltiplos prejuízos que o atravessam por: i) não se formar no tempo e a tempo, relatando que “[...] eu tava bem ansioso agora pra esse findar de curso porque se corresse tudo como o planejado eu formaria agora em dezembro[...]”; ii) por encontrar-se com corpos possivelmente contagiosos durante “[...] mudança (de residência)... o pessoal entrando em casa pra descer moveis [...]”; iii) e desenvolvimento de bloqueio-vício, “[...] esse bloqueio vinha desenvolvi alguns vícios assim quem eu não tinha há muito tempo que era jogar videogame e comecei a tentar matar o tempo fazendo isso[...]”; iv) a sensação de estar só, “[...] Eu realmente a grande parte dessa quarentena eu fiquei recluso”.

Tais marcas são reiteradas por Pedro, ao dizer que

[...] esse momento de pandemia foi meio conturbado porque aconteceu algumas coisas na minha vida pessoal e eu não consegui voltar pra casa dos meus pais logo quando suspenderam as aulas então eu tive que ficar realmente em isolamento social completo, eu só saía de casa pra ir em mercado, farmácia e eu acabei criando meio que um bloqueio assim, principalmente a escrita do meu TCC eu não conseguia desenvolver nada, não conseguia escrever nada assim que exigisse um pouco mais porque eu sentava e realmente esse bloqueio vinha desenvolvi alguns vícios assim quem eu não tinha há muito tempo que era jogar videogame e comecei a tentar matar o tempo. (Pedro)

As marcas sinalizam em Pedro um trauma, uma quebra. Quebra-se em Pedro a expectativa, a possibilidade de futuro do formar-se; quebra-se em Pedro o significado de quarentena, pois ele vê-se colocado de frente a



possíveis corpos contaminados; quebra-se em Pedro a noção de produtividade, pois ele se vislumbra em uma contingência obstrutiva. As quebras sinalizam uma ruptura de unidade, ruptura esta que catalisa a sensação de falta e com isso a ânsia do desejo em satisfazer-se (FREUD, 1996a; 1996b).

A ansiedade é gerada juntamente com o sentimento de frustração: *“Me frustrou um pouco esse primeiro semestre que a gente ficou de suspensão e sem nenhuma atividade”*. Neste sentido: i) a ansiedade pode ser compreendida enquanto uma ruptura com a expectativa, com o projeto, levando o Eu a arrastar-se para um futuro opaco para se reorganizar; ii) pela negação do real pandêmico e a fuga para um outro tempo supostamente seguro, mas ainda não evidenciável; iii) frustração do não cumprimento de seus planos formativos; e/ou, iv) frustrar-se pela frenagem rápida e intensa, devido a suspensão do calendário e das atividades letivas, bem como pela tentativa de movimentar-se ao futuro devido a inércia da não percepção da desaceleração do tempo-produção. Demarca-se que este conjunto de fios analíticos que remetem as cisões no espaço-tempo-significados-socializações, conferem na relação entre o trauma com a dificuldade articulativa da memória (o passado), da experiência (no presente) e da projetualidade (no futuro) (FREUD, 1996b).

Pedro reitera constantemente que o *“[...] eu estava bloqueado não conseguia sentar e [...] foi meio traumático assim, mas agora as coisas estão melhorando, vou voltar pra casa dos meus pais ter mais um pouco de contato social e é eu acho que vai melhorar.”* O bloqueio dá sinalização a ao menos três possibilidades interpretativas: a) o estonteamento provocado pela ruptura na possibilidade constituir sua narrativa, ou seja, o vírus esfacela as noções de tempo, significado e sociabilidade do mesmo (AGAMBEN, 2020; BRETON, 2020); b) a cisão provocada na significação de produtividade do sujeito, ao passo que não faz sentido produzir se não para transformar a realidade e, para transforma-la é preciso um significado de mundo outro (FREIRE, 2015); c) a desaceleração do processo produtivo acadêmico, juntamente com a frenagem no sistema de produção do capitalismo mundial integrado (CMI) – as relações macrossociológicas são sintomas das relações microssociais (FREUD, 1996a).



No deparar-se com processos obstrutivos, com situações que separam o sujeito de si, do Outro e do mundo, são identificadas as situações limites para as quais são buscadas respostas (FREIRE, 2019). Em nossa interpretativa, a noção de vício de Pedro é uma tentativa de dar sentido a obstrução-cisão, podendo representar: i) a produção de linhas de fugas, escapes, a busca de um outro espaço para viver enquanto a pandemia está aí; e/ou, ii) a culpabilização de si, do não se manter em (hiper)produtividade, contribuindo para a frenagem da vida acelerada do CMI – culpabiliza a si por viver um espaço de prazer ao invés de sofrer do ar do tempo; iii) a busca do reencontro de unidades anteriores, os jogos e práticas que realizava no período da infância e o retorno a casa dos pais são exemplificações significativas desta tentativa de reencontro em espaços-tempo pré-pandêmicos.

É neste espaço das cisões, ansiedades, frustrações, obstruções e vícios que a própria noção-imagem do Eu se coloca em conflito e desenvolve outras modalidades do negociar consigo (FREUD, 1996a; 1996b). Pedro ressalta que em tempos pandêmicos:

[...] eu desenvolvi manias que eu nem tinha antes sabe de conversar sozinho e fazer algumas coisas que eu não tinha, mas acho que a principal foi de conversar muito sozinho sabe? De pensar em coisas que eu não pensava antes, não sei se foi de ficar muito tempo sozinho, mas acho que o contato social com meus pais já vai ajudar bastante, já vai dá pra aliviar um pouco a minha mente. (Pedro)

A fala consigo, o diálogo com si em meio a este processo de se narrar, coloca em questão: i) o Eu que busca a si para escutar-se, é uma busca de reconhecimento na relação com o próprio Eu; ii) o Eu na ausência das múltiplas relações sociais com Outros plurais elabora seu duplo, elabora um Outro eu – produto da cisão – para a elaboração dos processos de espelhamento, reconhecimento e afirmação de si (FREUD, 1996b); iii) o Eu que ao perceber-se isolado, aciona mecanismos para estabelecer conexões outras com o próprio Eu; iv) ao movimento de busca de processos formativos permeados pelo diálogo, buscando o exercício da consciência pela indagação da própria consciência; v) a criação de um espaço mental para a elaboração de



narrativas, que remetem ao artifício de constituição do sujeito, aciona memórias e traça projetos para consigo (RAGO, 2013; TAMBOUKOU, 2016).

O licenciando narra, como marca negativa do Eu, o encontro de si para com sua situação de vulnerabilidade: “[...] *uma coisa que eu fiquei bem preocupado foi que eu... foi um dos períodos que eu mais fiquei expostos a contaminação*”. Sintoma da própria fundação da discursividade da pandemia, da produção do Outro como contagioso, como pedra de toque de onde a possível desordem emerge (AGAMBEN, 2020; FREUD, 1996a; 1996b).

Vislumbramos em tal enunciação de Pedro que há também uma preocupação com o Outro, que devido a seu potencial de contágio, também foi marcado pelo ar do tempo. Tal atravessamento pela palavra desloca-nos a um segundo eixo analítico: marcas negativas e o pensar no-do Outro.

### **Marcas negativas e o pensar no-do outro**

As marcas no-do Eu são deixadas e tracionam a existência-reflexão de si, seja no encontro consigo, seja no encontro de um Outro que lhe marca (RAGO, 2013). Este processo nos permite o emergir de outra categoria, as marcas negativas e o pensar no-do Outro. Este espaço limítrofe em que o Eu e o Outro se encontra, na alteridade que permite ser mais, pois é na comunhão com o Outro e o Nós que é possível o viver, formar-se, aprender e ensinar. O reconhecimento que o Outro também é marcado, que há forças (im)produtivas que o deslocam ao ser menos (humano) e que diagnosticar tais forças possibilita um reativar o humanismo em tempos de pandemia (FREIRE, 2015; 2019; SANTOS, 2020; BRETON, 2020).

Pedro apresenta esse espaço do reconhecimento das marcas negativas deixadas no Outro, um olhar diagnóstico do adoecer na própria Família. A identificação das marcas negativas deixadas no-do Outro recorre ao reconhecimento do sofrimento passado por sua mãe que sofre a perda do irmão em meio a pandemia. A Covid-19 levou-o, retirando deste o ar do tempo. A perda é a marca deixada no Outro.

A perda e o processo do enlutar-se consiste em um processo lento e doloroso. O sujeito sabe exatamente o que perdeu, é marca traumática ao



passo que a respectiva perda passa por um regime elaborativo de novos sentidos. Um sujeito que consistia em direcionamento de afeto desaparece, tal interrupção gera um desinteresse do mundo externo para um processamento interno dos novos eixos de investimento libidinal. Tal desinteresse é produto do processo de inibição característico do luto, ao passo que a sensação de perda desloca o investimento do sujeito na reelaboração da percepção da realidade sem o objeto – de desejo – perdido (FREUD, 1996b).

Neste sentido, Pedro reconhece o processo de perda da mãe que representa outros múltiplos sujeitos que vivem as perdas ocasionadas pelo processo pandêmico. É marca negativa em Pedro, ao mesmo tempo que é marca negativa do-no Outro, pois o licenciando vive também o luto com este. A alteridade aqui se dá em um plano áspero, da dor compartilhada que também é compartilhamento do mundo.

Em um aspecto formativo, o luto e suas marcas é processo pedagógico, pois reflete as elaborações e reelaborações (FREUD, 1996), isocronamente a identificação de situações limites do presente e a comunhão formativa para a transformação da realidade (FREIRE, 2015). Assim, o reconhecer as marcas do-no Outro é processo de escuta e sinaliza um ser mais (FREIRE, 2019), sendo ato catalisador do reencantar o humanismo (BRETON, 2020).

Pedro relata que este processo de identificar o luto do Outro “[...] é pesado pra caramba, porque é irmão dela né? Parte da minha mãe e eu to me preparando pra falar com ela porque é complicado.”. Pedro, nesse momento, compartilha o peso, não por seu tio com o qual não tinha contato, mas com o luto de sua mãe. O sofrimento compartilhado, sintoma que faz com que o corpo fale que algo precisa ser feito, conclama por uma transformação e outros modos de compreender e lidar com a realidade (FREIRE, 2019). Esta é uma movimentação complexa, que atravessa o reconhecer, afetar-se com, (re)significar e materializar em palavras o acontecimento (FREIRE, 2015). Desta forma, a preparação para o falar remete que ainda se sofre junto e ainda busca significar o acontecimento e a marca negativa do-no Outro.

A distância correlaciona-se com esse processo de sentir a dor do-no Outro e preparar-se para o falar. Pedro demarca que se encontrava sozinho,



distante, em um apartamento no qual nem mesmo seus colegas de república estavam presentes, pois os mesmos retornaram às suas cidades natais. Este espaço sozinho promove suas reflexões de pensar no Outro. Pedro se culpa por não estar presente com sua mãe neste momento de perda, ao passo que se culpa e que culpa o Outro por estar sozinho e isolado. Revive no tempo o início de sua moradia na cidade de Londrina, o estado de isolamento social operacionalizado de modo paradoxal: a ausência dos amigos e da mãe que sofre e que não tem sua companhia e, o medo dos trabalhadores que realizam a mudança em seu apartamento.

Evidencia-se aqui que a marca negativa identificada no-do Outro é a marca da ausência, de algo faltante característico da vivência do luto (FREUD, 1996b). O espaço esvazia-se com a mudança que retira objetos, com a ausência dos amigos que voltam ao ceio da natalidade, com as mortes de sujeitos que afetam negativamente seus entes queridos. Pedro é marcado negativamente, pois o Outro é marcado negativamente pelo tempo pandêmico.

As rupturas deixadas no Outro que afetam a Pedro são compreendidas como linhas do adoecer, da despotencialização e do desinteresse pela realidade que infringe dor (FREUD, 1996a; 1996b). Contudo, é também espaço de potencialização para a criação de vínculos transformativos e de outros modos de compreender o tempo (BRETON, 2020). É na identificação do que adocece, das linhas do ser menos que constituem uma consciência que flerta e depara-se com a morte, que se torna possível pensar consciências vividas, para a vida que luta para a transformação do mundo (FREIRE, 2015; 2019; BRETON, 2020).

As respectivas práticas de diagnose das marcas negativas deixadas no-do Eu e no-do Outro levam à compreensão de um processo de comunhão e unidade: o pensar as marcas negativas no-do Nós.

### **Marcas negativas e o pensar no-do nós**

Nos encontros e reconhecimentos das marcas deixadas no-do Eu e no-do Outro emerge uma composição comungada do Nós. A composição comungada do nós é o compartilhamento do mundo pelas marcas negativas,



que podem ser positivadas por modos outros de compreender a realidade e habitar nesta. Paulo Freire (2019) pontua que o reconhecimento das marcas e das propriedades fundamentais das consciências é o que possibilita a intencionalidade transformativa do que foi negativado. O mesmo não se refere ao ato de negar as marcas negativas deixadas pelo tempo, mas na diagnose e transformação a partir destas, na intenção de constituir outros possíveis para a não repetição. A isso, pontua:

[...] o próprio da consciência é estar com o mundo e este procedimento é permanente e irrecusável. Portanto, a consciência é, em sua essência, um 'caminho para' algo que não é ela, que está fora dela, que a circunda e que ela apreende por sua capacidade ideativa. Por definição, a consciência é, pois, método, entendido este no seu sentido de máxima generalidade. Tal é a raiz do método, assim como tal é a essência da consciência (FREIRE, 2019, p. 77).

Neste sentido, a consciência das respectivas marcas negativas remete ao método da consciência de transformação da realidade. Agir no mundo que só é possível em “[...] comunhão” (FREIRE, 2019, p.71) e de “[...] cointencionalidade” (FREIRE, 2019, p. 77). Acreditamos que isto é dado na tomada de consciência das marcas negativas e reinvestimento libidinal ao fim de um processo de luto e resignificação das perdas (FREUD, 1996b).

Se por um lado Pedro sinaliza nas marcas no-do Eu que há marcas negativas e que estas remetem a sua subjetividade no que toca o sentir-se isolado e ter seus planos interrompidos – o que lhe gera medo e ansiedade –; por outro lado o mesmo pontua que esta é uma angústia a ser revista, haja visto que há “[...] *tanta gente sofrendo, morrendo e só porque eu não vou me formar no tempo correto isso não pode ser tão importante*”. Pedro reconhece no encontro significado com “[...] *tanta gente*”, que os tempos compartilhados requerem maior atenção para uma reformulação das compreensões e transformação dos sujeitos, relações sociais e do mundo. Coloca o Nós de frente ao Eu e ao Outro, coloca-o como aliança compartilhada do adoecimento vivido.

Pedro faz aqui o que Freire chama de “[...] co-laboração” (FREIRE, 2019, p.229), pelo qual volta-se para a realidade e os problemas do presente e



busca transformá-lo para além das satisfações egóicas do instante e apenas de um eu hipertrofiado. É a supressão da dicotomia das marcas negativas deixadas no-do Eu e no-do Outro, pois ambas se afetam reciprocamente quando a alteridade (FREIRE, 2015; 2019) e o enlutar-se compartilhado (FREUD, 1996b) se fazem. A unidade é constitutiva no Nós enquanto rede colaborativa e articulada de subjetividades, relações sociais e compartilhamento do mundo e da realidade.

A essa co-laboração como espaço compartilhado das experiências, há uma co-habitação enquanto espaço compartilhado das existências (FREIRE, 2019). O sentimento do Outro pesa em seu corpo, a perda é compartilhada, o isolamento remete essa ausência de unidade: tudo pára, “[...] as atividades são *suspendidas*”. Os atos mais cotidianos são furtados, pois o tempo pandêmico torna dificultado o existir do Nós (BRETON, 2020). Esta marca, então, busca supressões da dicotomia Eu-Outro e instaura uma coletividade do Nós.

Contudo, evidencia-se também o movimento de despotencialização do pensar um Nós, pelas cisões entre o Eu e o Outro. Evidencia-se que as marcas negativas deixadas no-do Eu separam este da unidade do Nós: o medo do Outro, a ansiedade de viver em um outro tempo idealizado no futuro porvir, os bloqueios produtivos, a sensação do estar só... As marcas negativas deixadas no-do Outro, separam-no também das relações sociais: a perda do ente, a distância dos familiares, as potencias das mortes.

Nesse sentido, as marcas negativas no-do Nós não são como a anteriormente citada – do reconhecimento de marcas negativas deixadas no corpo social –, mas são as marcas que impossibilitam a própria possibilidade de constituir um Nós coletivo que comunga, colabora e cohabita o mesmo mundo.

Neste caso, as marcas traumáticas deixadas pelo reconhecimento das finitudes e a situação humana de desamparo, se não elaboradas, levam a impossibilidade constitutiva de unidade e transformação. O apelo, nesse sentido, é o de desinteresse do mundo, paralização e/ou hipertrofia do Eu como ideal que se protege das perdas no reduto da ideação. O sujeito busca em um mundo fantasioso das ideias, no espaço do delírio, um modo de



escapar da perda e do fim pela reclusão (FREUD, 1996a; 1996b). Isola-se, nega a realidade ou apega-se ao sofrer melancólico.

Tais linhas de cisão aprisionam o ser na tentativa de conservar o tempo que ainda se tem, não revisita a realidade antes-durante a pandemia, tão pouco investe no processo transformativo após dela. É este encarceramento desinteressado da realidade que remete a uma consciência morta (FREIRE, 2019) que não elabora sentidos e não engajasse na possibilidade de vida. Essa é a marca que reitera e reproduz o sistema vigente que nos trouxe ao contexto pandêmico e que o manterá pela ausência de uma unidade do Nós que possibilita o transformativo.

Nesse sentido, evidencia-se que as marcas negativas do-no Nós são articuladas na narrativa de Pedro em ao menos duas movimentações narrativas: a) a potencialidade do pensar um Nós coletivado, marcado pela urgência da comunhão, que dispõe o sacrifício do tempo idealizado e coloca-se sob um tempo realizado; e/ou b) a despotencialização do pensar um Nós, pelas cisões entre o Eu e o Outro, do medo, da perda e dos desamparos com os quais estes deparam-se.

### **Considerações finais**

O presente trabalho não se finda. Ele é propositivo de reflexão, da escuta de vozes em tempos pandêmicos. Consideramos que é pelo atravessamento da fala que se torna possível narrar outros mundos e transmutar o que vivemos. Nesse sentido, ele foi produzido a partir das narrativas elaboradas por um licenciando em química da UTFPR-Londrina e a movimentação das marcas negativas que este identificava em sua história de vida nos tempos pandêmicos.

Evidenciamos que o mesmo traz em seu narrar marcas negativas pensadas no-do Eu à medida que este se via marcado pelo medo, angústia, bloqueios, vícios e as vulnerabilidades. Pontua as marcas negativas pensadas no-do Outro, ao passo que reconhece e pactua do luto vivido por outros indivíduos que não o próprio Eu. Traz reflexões acerca de marcas negativas deixadas no-do Nós em um movimento constitutivo de aproximação e



comunhão por outra realidade possível e/ou pela individualização dos seres que separam a possibilidade instaurativa de um Nós em alianças.

Tais marcas refletem as percepções do licenciando em química e de suas vivências durante a pandemia. Contudo, encontramos-nos na pandemia em trânsito e é importante fazer ecoar outras vozes que (sobre)vivem este momento. É preciso a escuta para um diagnóstico do tempo, como buscamos realizar neste manuscrito de forma breve, bem como das possibilidades transformativas dos eventos vividos.

Assim, não pretendemos fechar este manuscrito, mas com essas colocações instigar outras histórias a serem narradas, registros outros de marcas pensadas e táticas transformativas para outros mundos porvir.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Reflexões sobre a peste: ensaios em tempos de pandemia**. São Paulo: Boitempo editorial, 2020

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, Lda., 1977.

BRETON, David Le. O preço das coisas. **N-1 Textos**, n. 100, 2020, p. 1-5. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/100>>. Acesso em 20 de julho de 2020

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 73 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019

FREUD, Sigmund. (1930 [1929]) **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia (1917 [1915])**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MELLO, Dilma. Etnografia, pesquisa narrativa e fenomenologia: entendendo espaços de fronteira entres três caminhos de pesquisa. In: CORDEIRO,

Rosineide; KIND, Luciana. **Narrativa, gênero e política**. Curitiba: Editora Crv, p. 17-48, 2016.



MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 03, p. 621-626, 2012.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas-SP: Unicamp, 2013

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SCHMIDT, Beatriz; CREPALDI, Maria Aparecida; BOLZE, Simone Dill Azeredo; NEIVA-SILVA, Lucas; DEMENECH, Lauro Miranda. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia**, [S.L.], v. 37, p. 1-26, 2020.

TAMBOUKOU, Maria. Aventuras da pesquisa narrativa. In: CORDEIRO, Rosineide; KIND, Luciana (Orgs). **Narrativa, gênero e política**. Curitiba: Editora CRV, p. 67-84, 2016.

## Sobre os autores

### Arthur Ravagnhani de Oliveira

arthur-3342@hotmail.com

Licenciado em Química pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Londrina. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educações, Narrativas, Culturas e Ciências (GEPENC).

### Antonio Aparecido Vital

antonio.2015@alunos.utfpr.edu.br

Licenciado em Química pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Londrina. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educações, Narrativas, Culturas e Ciências (GEPENC).

### Alexandre Luiz Polizel

Alexandre.polizel@ifes.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-6397-206X>

Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, campus São Mateus. Doutorando e Mestre no Programa de Ensino de Ciência se Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina. Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Maringá; em Filosofia, Pedagogia e Sociologia pelo Centro Universitário de Araras. Psicanalista Clínico pelo Faculdade Gaio e Sociedade Psicanalítica Sigmund Freud de São Paulo. Um amante das narrativas de si, tem-se dedicado a produção de escrituras nas áreas de: Redes digitais e Cibercultura; Currículos e o Pensamento na contemporaneidade; Diversidade, Identidade, Diferença e Desigualdade; Direitos Humanos; Estudos Culturais das Ciências e Educações; Pedagogias-Filosofias-Biologias Culturais e dos corpos e dos eus; Clínica e



Crítica da Cultura. É Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Gênero e Sexualidades (NEPGENS) do IFES-SM, líder do "Kultur - Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofias, Educações, Ciências, Culturas e Sexualidades" (IFES) e do "GEPENC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educações, Narrativas, Culturas e Ciências" (UTFPR).

**Cristiane Beatriz Dal Bosco Rezzadori**

crezzadori@utfpr.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-0227-7591>

Possui graduação em Química - Licenciatura pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2002), pós-graduação no curso de Especialização em Ensino de Química pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2005) e em Educação Interdisciplinar e Metodologia do Ensino Superior pela Associação Juinense de Ensino Superior do Vale do Juruena (2008). É Mestre (2013) e Doutora (2017) em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina. Atualmente é professora do Departamento de Química da Universidade Tecnológica Federal do Paraná ? Câmpus Londrina. Possui experiência na área de Educação em Química, com ênfase nas disciplinas da área de formação de professores. Atua nas seguintes linhas de pesquisa: formação de professores, jogos, Estudos Culturais da Ciência e Narrativas.

